



## (HOMO)SEXUALIDADE NO ESPAÇO PÚBLICO ESCOLAR: OLHARES DE PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Sandro Prado Santos  
Universidade Federal de Uberlândia – FACIP/IUFU  
GPECS- Grupo de Pesquisa Corpo, Gênero, Sexualidade e Educação

### RESUMO

Este artigo propõe uma discussão das investigações no âmbito de um projeto Bolsas de Graduação intitulado *Diálogos em torno da homofobia na escola: concepções, práticas e formação Docente* junto a nove professores/as de Ciências e Biologia de escolas públicas. Nesse texto, apresentamos e analisamos as abordagens e os sentidos de homossexualidade utilizados no âmbito escolar. Na pesquisa, de natureza qualitativa, utilizamos entrevistas semiestruturadas. Os resultados apontam que os/as docentes normatizam a homossexualidade como se fosse uma violência sem alvo no corpo engendrado e sexuado e assentando-a em práticas de sujeitos individuais, recorrendo à retórica do *bullying* e legitimando ações escolares despartadas do campo político, dos direitos e das normas sociais que estabelecem quais vidas são dignas de respeito e de existência pública. A marca da homossexualidade, ainda é pensada, como um dado “natural”, cristalizado e essencializado no campo da patologia, das disfunções hormonais e da genética que atravessam a ordem dos discursos das Ciências Médicas e Biológicas, da prostituição e da anormalidade decorrente das (des)estruturações familiares. Consideramos pertinente questionar as relações de poder e os processos de diferenciação que estruturam o espaço escolar.

**Palavras-Chave:** Homossexualidade; Educação; Escola Pública; Docência

### INTRODUÇÃO

Em maio de 2013 participamos do III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades na Universidade do Estado da Bahia em Salvador, na oportunidade apresentei o trabalho intitulado *Homossexualidade na Educação Básica: representações, investigações e formação docente* (NASCIMENTO; SANTOS, 2013). Nesse movimento, venho percebendo a importância de se discutirem e problematizarem as representações culturais associadas à homossexualidade com professores/as, e futuros/as professores/as da Educação Básica. Partimos da defesa

Realização:



Apoio:



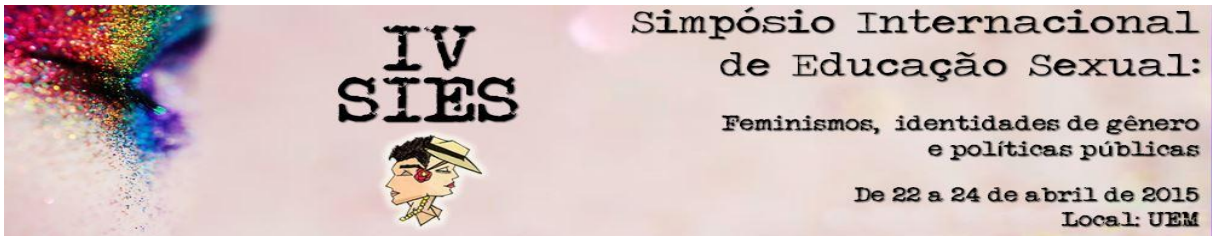
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



de estudos para desvelar representações de homossexualidade, dos sujeitos que lidam com o tema em seu cotidiano de trabalho, em escolas públicas. Nessa esteira acabamos investindo num entendimento que as enunciações sobre homossexualidades devem muito ao discurso das Ciências Biológicas, e, mais do que isso, essa área, se propõem a torná-las inteligíveis na perspectiva da determinação biológica. A partir disso, problematizamos: Como tem sido as enunciações das homossexualidades no âmbito da disciplina escolar de Ciências e/ou Biologia?

De acordo com Louro (2010, p.43-44), no espaço da educação escolar, “(...) haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico”.

Considerando tal contexto e as necessidades de discussões em espaços formativos dos/as professores/as em atuação e futuros/as docentes de Ciências e/ou Biologia, nossa área de formação, que estarão no contexto escolar com alunos/as que podem ser percebidos/as como homossexuais e, conseqüentemente, vulneráveis às práticas homofóbicas, realizamos coletivamente com futuros/as professores/as dos cursos de Licenciatura da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP/UFU) e docentes da Educação Básica de Ituiutaba/MG dois projetos: um projeto *Diálogos em torno da homofobia na escola: concepções, práticas e formação docente* submetido ao Edital Nº 001/2013 PROGRAD/DIREN - para o Programa Bolsas de Graduação: Subprograma Aprimoramento Discente, que teve como objetivo desenvolver ações de pesquisa, ensino e extensão acerca das homossexualidades e homofobia no espaço escolar.

Sendo assim, esse trabalho de pesquisa é resultante de desdobramentos do projeto elencado, pois nos possibilitou discutir, refletir e publicar, com professores/as de Ciências e Biologia, ideias e práticas que estão associadas à homossexualidade, e, que estão servindo para produzi-la historicamente no contexto escolar (FERRARI, 2006).

REALIZAÇÃO:



APOIO:



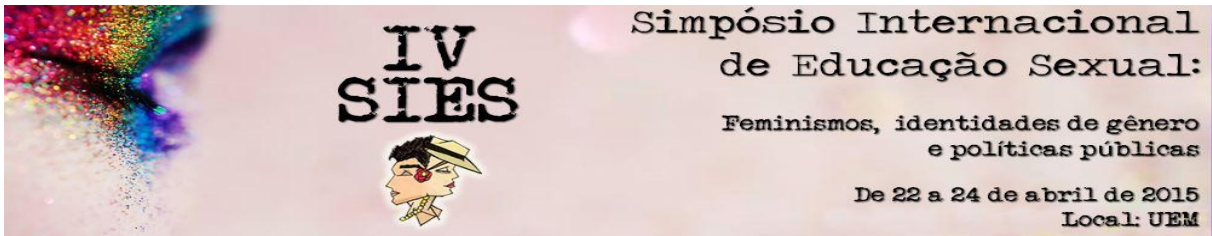
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



PATROCÍNIO:



PlayBook



Compreendemos então que discutir as homossexualidades com professores/as de Ciências e Biologia é colocar em evidência uma rede de significados e de "verdades" que constituem nossa cultura. Sendo assim, propomos que nós façamos um exercício do pensamento, questionando nossos discursos e como esses agem na constituição dos sujeitos, na manutenção da homofobia na escola ou em sua superação.

Nesse sentido a presente pesquisa procura investigar como professores/as de Ciências e Biologia, da rede pública municipal e estadual de ensino de Ituiutaba/MG, concebem a homossexualidade e quais saberes utilizam para enunciá-la, e, também conhecer as interdições, no âmbito de suas disciplinas escolares, utilizadas na atuação em práticas homofóbicas no espaço escolar.

### **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo, estudo de caso, em que participaram 9 professores de Ciências e/ ou Biologia, das escolas municipais e estaduais de Ituiutaba- MG. Os critérios para inclusão dos participantes foram: serem professores de Ciências e/ou Biologia, ministrarem aulas em escolas públicas e concordarem a participar da pesquisa. Nesse sentido, foram previamente informados sobre as finalidades e procedimentos da pesquisa, e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. As entrevistas foram semi-estruturadas, e a análise de dados se deu a partir do referencial teórico adotado.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Observamos um marco de perspectiva psicologizante na leitura da homossexualidade no espaço escolar é assentá-la em práticas originadas em sujeitos individuais, recorrendo à retórica do *bullying* (OLIVEIRA; DINIZ, 2014).

Segundo essas autoras, um dos sinais mais contundentes do tratamento da violência sexista e homofóbica nas escolas é o neologismo *bullying* a um problema relacionado às práticas sociais normativas de gênero e sexualidade, que diz respeito

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





a agendas políticas e de direitos, conforme encontramos num discurso de uma professora:

**“(...) olha aqui na escola nós temos um projeto de uma supervisora que é sobre o *bullying*, que existe desde 2010, então aqui a gente bate muito de frente com esse aluno, não vou dizer que não existe, porque existe, até mesmo em forma de brincadeiras (...) eles chamam o colega de gay e de boiola. Conversamos muito com eles, aqui constantemente, a cada dois meses, é abordado um tema, e, a homossexualidade é um deles” (Professora A).**

Nesse discurso percebemos, conforme aponta Oliveira e Diniz (2014), que as recorrentes injúrias, contra adolescentes que destoam da lei de gênero, tornaram-se *bullying* no jargão escolar. Ao descrever a injúria homofóbica “**chamam o colega de gay ou boiola**” como *bullying*, até mesmo “**em forma de brincadeira**”, “neutraliza-se a questão da sexualidade, como se aquela fosse uma violência sem alvo no corpo engendrado e sexuado” (p. 249).

Nesse contexto, problematizamos: quando os alunos expressam um colega como gay ou boiola, eles estão inaugurando uma fala, um afeto ou um modo de pensar? Essas expressões são apenas dos indivíduos que as utilizam? Segundo Oliveira e Diniz (2014) com a utilização da retórica do *bullying* as manifestações homofóbicas são lidas como “uma violência de indivíduos, apolítica, desligada das normas sociais que estabelecem quais vidas são verdadeiramente dignas de respeito e de existência pública” (p. 249). Entretanto, coadunamos com essas autoras que as expressões homofóbicas estão assentadas em normas socialmente gestadas, segundo alguns modos de existências não hegemônicos valem menos do que outros, e, curiosamente tais comportamentos são legitimados simbolicamente como chacotas e piadinhas que os colegas fazem em tons, apenas, de brincadeiras dos colegas, conforme admitido pela professora A.

Apesar das boas intenções do projeto de *bullying* no espaço escolar, tal ação pouco desestabiliza as práticas sociais escolares normativas e hierárquicas de gênero e sexualidade. Mesmo se tratando de uma ação anualmente e constantemente, como referida pela professora A, indagamos se isso permite que as

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação

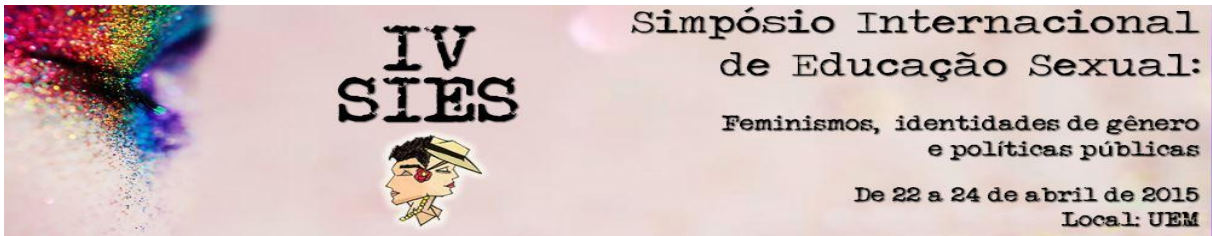


Patrocínio:



PlayBook





peçoas que não se enquadram nos marcos normativos de gênero e sexualidade possam viver livres de violências e injúrias? Além disso, os desdobramentos da ação marcam as vidas homossexuais no campo de existências possíveis, públicas e legítimas?

Pensamos que não. Visto que na escola onde acontece, permanentemente, o projeto de *bullying*:

**“(...) dois alunos, homossexuais assumidos, saíram da escola por causa disso. Por causa da vestimenta, usavam tiaras, brincos, pintavam a unha, eles já se transvestiam com vestimentas e apetrechos femininos, isso era bem marcante. (...). Eles foram chamados na sala da diretora, foram convidados a irem lá por causa disso, e um deles comentou comigo que achou um absurdo ter sido repreendido por não poder ir para escola daquele jeito, disseram que ele estava querendo chamar a atenção dos colegas” (Professora A).**

Esse apontamento, mais uma vez, reforça que a utilização da retórica do *bullying* nas manifestações homofóbicas não questiona as relações de poder e os processos de diferenciação que estruturam o espaço escolar, ou seja, marginaliza as compreensões e os jogos de poder que posicionam/marcam os sujeitos, os dois alunos, em lugares de subalternidade.

Questionamos: Os dois alunos para ter acesso à educação têm que abrir mão de sua identidade, esconder o que assumiram? Por que, para poder estudar, os dois alunos devem abrir mão da sua identidade travestida? Isso não seria uma punição, de alguma forma, ou na melhor das hipóteses, alvo de correção? Seria os corpos desses alunos posse da diretoria da escola? Quem são esses alunos tão marcantes? Ou por que consideramos eles bem marcantes? O que o projeto de *bullying* possibilita ou possibilitou conhecer com esses dois alunos? Quem são esses “outros” que querem chamar a atenção dos colegas? Por que essas expressões identitárias no corpo dos dois alunos são consideradas estranhas, marcantes e chamam a atenção dos colegas? Por que é tão difícil e perturbador garantir o direito desses dois alunos se travestirem da forma como se sentem confortáveis, e, sobretudo, humanos, sem serem repreendidos?

Realização:



Apoio:



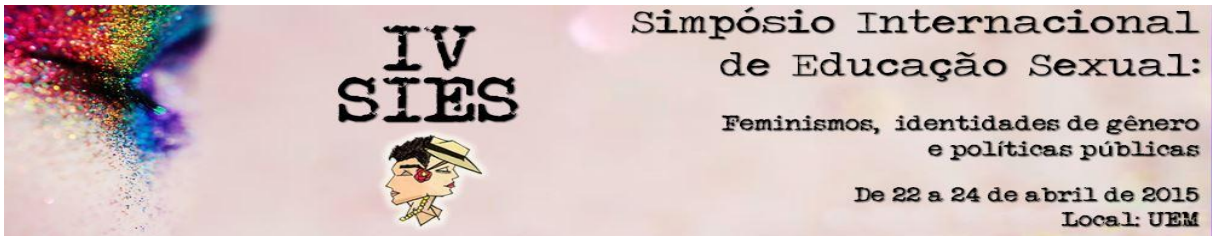
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Será que um projeto de bullying está servindo para que alunos homossexuais experienciem o espaço escolar como uma violação cotidiana de seu direito ao exercício de sua sexualidade? Ou reitera menos direitos do que as experiências heterossexuais no âmbito da instituição escolar já que **“(...) dois alunos, homossexuais assumidos, saíram da escola por causa disso”** (Professora A)?

Sendo assim, podemos notar o quanto uma escola que, mesmo apresentando, continuamente um projeto acerca do *bullying*, “(...) se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade” (BENTO, 2011, p. 555).

Além disso, a professora participante do projeto concebe a homossexualidade como constatação e a contemplação do caráter humano, ideia que não nos aliamos. Então, nos afastamos de afirmações como: **“(...) é normal e igual a todo mundo, e que a opção sexual é opção dele, acho que vale é o caráter, é o caráter que vai dizer se ele é uma pessoa boa ou não”** (Professora A). Se pensássemos na homossexualidade assim, estaríamos dizendo que ela é um dado “natural”, cristalizado e essencializado. E, como estamos argumentando, ao longo desse trabalho, entendemos que isso é algo que não se faz alheio aos enquadramentos e às hierarquias de significados sobre a categoria homossexual, produzindo preconceitos, discriminações, exclusões e violências (CASTRO; MATTOS, 2013).

Outra professora destacou a necessidade de discutir sobre a homossexualidade via *bullying*, conforme a seguir:

**“A gente tem que trabalhar isso aí, principalmente pelo *bullying* que tem em sala de aula, às vezes chamar o outro de veado, eles não aceitam, temos que contornar a situação, o número 24 da chamada ninguém quer ser, eles tem muito preconceito ainda”** (Professora C).

No depoimento destacamos que a professora enquadra que **“o chamar o colega de veado”** e o **“preconceito em ser o número 24 da chamada”** é inaugurado com as falas ou modos de pensar individuais dos alunos, subtraindo dos corpos que são enunciantes e dos corpos enunciados, enquanto *veado* ou o 24, as

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



relações de poder e hierarquizações, assentadas na heteronormatividade, que estamos (re)produzindo constantemente no espaço escolar.

Quer dizer, a questão não está no aluno considerado veado, mas no tratamento que estão dando a homossexualidade. “E quando a escola não percebe a dinâmica de organização desse jogo de significados e identidades e não trata do assunto” **“Dependendo você tem que ignorar, já aconteceu, fingir que nem vi, que aquilo ali ameniza”** (Professora C), está jogando a responsabilidade para os alunos **“eles tem muito preconceito ainda”** não entendendo que a questão é mais ampla, diz respeito a sua responsabilidade não só do aluno chamado de veado, mas como a homossexualidade e a formação de todos meninos” (FERRARI, 2003, p. 96).

Além disso, o silenciamento **“(…) tem que ignorar”**; **“fingir que nem vi”** adquire significado, visto que também tem algo a dizer sobre a organização dessas relações, além de dar voz aos sujeitos que *não são* (LOURO, 1997, p. 67-68), autorizando esses a insultarem os colegas como vedados e fortalecer o distanciamento do número 24 da chamada. Ou seja, eles não sabem se o colega efetivamente exerce práticas homeróticas, mas a acusação serve para evitar que exerça, tentando afastar essa ameaça, do grupo, ignorada pela professora.

Percebemos aí como determinadas palavras – homossexual, gay, veado, bicha – atravessam a consciência humana, desde muito cedo, e tornam significados, ou melhor, o mesmo significado para todos, para quem agride **“chamar o outro de veado”**, para quem é agredido **“(…) eles não aceitam, temos que contornar a situação”** e para aqueles que presenciam a agressão **“fingir que nem vi, que aquilo ali ameniza”** (FERRARI, 2003).

Todos lêem, da mesma forma, o seu significado, ou seja, essas palavras têm, em nossa sociedade, um significado pejorativo, negativo, servindo para definir relações de confrontos e de agressão, mesmo porque não existe outra imagem e outro significado da homossexualidade em nossa sociedade, senão esse (FERRARI, 2003, p. 98).

Sendo assim, é essa ordem epistêmica, no qual todos/as nós; inclusive esses alunos, que nos subjetivam e/ou interpelam na construção dos limites do pensável e

Realização:



Apoio:



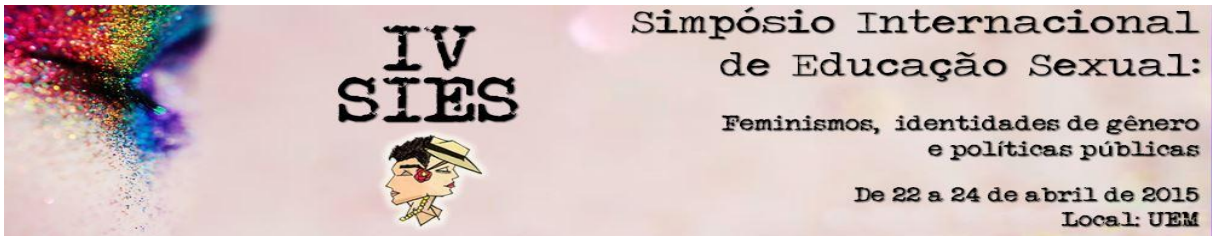
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



do enunciável em um universo que marginaliza as vidas fora da heteronormatividade, atribuindo o estranhamento, o caráter pejorativo e a não aceitação da homossexualidade, bem como o furor em torno do número 24 da chamada. Nesse contexto, reforçamos que ao colar a discussão da homossexualidade à prática do *bullying*, estamos tramando o tema em uma perspectiva psicologizante, ou seja, uma atitude individualizada e provocativa dos alunos “(...) só os xingamentos, mesmo que eles praticam entre si, mas para provocar, ou tumultuar a aula, mas entre eles mesmos” (Professora C, destaques nossos), e, despolitizando as contingências das questões de gênero e sexualidade que engendram a privação de vidas homossexuais. Pensamos a partir das contribuições de Oliveira de Diniz (2014) que:

A linguagem psicológica não visibiliza as condições sociais de produção dos corpos, dos desejos, da eroticidade, de modo que não há uma agenda política de direitos expressa nesses materiais, mas sim um olhar despolitizante que reforça a ideia de que gênero e sexualidade são questões privadas, e não questões políticas e públicas (p. 247).

Há um predomínio da tematização do *bullying* como elemento central na discussão da homossexualidade. Verificamos também a emergência de discussões em torno de questões de violências, discriminações e preconceitos, ainda fortemente balizada por questões homofóbicas. Destacamos novamente que as atividades associadas ao *bullying*, sejam quais forem os objetivos ou intenções declaradas, não chegam a perturbar o curso “normal” da matriz heteronormativa, nem mesmo servem para desestabilizar o cânone oficial, suscitando algumas interrogações importantes. Qual a contribuição das atividades na construção dos significados de homossexualidade? Em que sentido está mantendo ou desconstruindo os discursos produzidos, significados compartilhados? Que potencialidades e desafios estão postos para a educação no enfrentamento dessas questões?

Essas propostas têm a potencialidade de ampliar o escopo de alcance ao enfrentamento de práticas homofóbicas, além de uma perspectiva individualizada, pois como percebemos nos discursos das professoras A e C e nos desdobramento

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook





das ações no espaço escolar, “quando os alunos discriminam o colega usando, para isso, a homossexualidade, eles revelam atribuir um valor negativo à homossexualidade, que não é deles, mas de toda a sociedade” (FERRARI, 2013, p. 100). Quando usam a homossexualidade para atacar, eles estão trazendo para cena séculos de construção desse valor, que se iniciou pela classificação médica do “homossexualismo”. Entretanto, não sabem as origens do discurso assumido, que não é deles, que não é do seu tempo, mas de que eles são tributários (FERRARI, 2013, p. 100). Além disso, "seria preciso fazer com que as iniciativas voltadas a enfrentar discriminações por orientação sexual e identidade de gênero ultrapassassem a lógica do "combate a violência homofóbica", em favor da cultura dos direitos e da promoção mais ampla do respeito pela (e do reconhecimento da) diversidade" (JUNQUEIRA, 2009, p. 165).

Um aspecto bastante recorrente na fala de uma professora é a recomendação para a procura de um médico quanto se trata da homossexualidade, pois ela considera tal orientação como uma doença em função de alterações hormonais: **"É alguma coisa que está alterando o corpo dele, tem que ir ao médico para saber"** (Professora B). Nessa direção, ela diz aos alunos que em aula precisam respeitar o colega, pois **"A opção dele é lá fora, e dentro de sala de aula, tinha que ter respeito"** (Professora B). Questionamos: Por que o saber médico tem autoridade para dizer sobre o desejo do aluno? Ao indicar uma procura médica para o aluno, ela não atribui uma medicalização da homossexualidade?

É preciso, "no entanto, problematizar uma determinada busca de reconhecimento social das homossexualidades centrada, sobretudo ou exclusivamente, na aquiescência dos saberes médicos ou clínicos" (BRASIL, 2007, p. 18). "A medicina e a clínica, ao se estruturarem como campos de saber-poder capazes de produzir efeitos em diversas áreas, podem contribuir para facultar ou limitar compreensões e possibilidades de reconhecimento e de construção de novos direitos" (p. 18-19).

No episódio narrado pela professora"(...) é recorrente o entendimento de que respeitar o “outro” seria um gesto humanitário, expressão de gentileza, delicadeza

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



ou magnanimidade. Uma espécie de benevolente tolerância que deixa ilesas hierarquias, relações de poder e técnicas de gestão das fronteiras da normalidade" (JUNQUEIRA, 2011, p. 89).

A opção do aluno precisa ser digna de respeito somente no interior da sala de aula? Externamente a esse espaço ele perde o respeito? É possível o aluno despir de seus desejos para ser respeitado dentro de sala de aula? A escola seria um espaço onde os desejos não podem se manifestar? É somente lá fora que nossos desejos, que tanto nos marcam e nos dão sentidos às nossas vidas, são reconhecidos? Por que ao descolar o desejo homossexual do aluno, dizendo que o mesmo é ou está lá fora, é mais aceitável sua dignidade e/ou respeito na sala de aula?

Essa professora relata que na escola é comuns outros docentes afirmarem que problemas familiares fatalmente levam o indivíduo a ser homossexual: "**Alguns docentes dizem que foi o padrasto e a mãe que obrigou a pessoa a virar homossexual**" (Professora B); "**A vida dele que fez com que ele se transformasse isso, ele foi induzido a se prostituir e virar homossexual. Quando ele era pequeno, e como a mãe dele tinha um bar, ela fazia ele se prostituir. Ele era normal, e ficou assim porque a mãe dele fez isso com ele**" (Professora B).

Nesses apontamentos é bastante evidente o quanto a homossexualidade está assentada na prostituição e na anormalidade decorrente de problemas e/ou (des)estruturações familiares. Sendo assim, a homossexualidade passa a ser ancorada como uma atribuição negativa em decorrência de um afastamento de um modelo de família não convencional/tradicional, conforme evocado a presença do padrasto e a mãe que conduzia um bar nas falas dos docentes. Problematicamos: Uma pessoa pode se prostituir e não ser homossexual? Um indivíduo pode ser padrasto e a mãe conduzir um bar e não ter desejos homossexuais? O desejo desse aluno foi necessariamente decorrente da prostituição?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Os discursos dos/as professores/as (religiosos, heteronormativos, morais, biológicos, médicos) parecem espreitar as noções do reconhecimento da cidadania e dos direitos humanos de alunos/as homossexuais. Os apontamentos deixaram nítido o não apontamento para a emancipação, o reconhecimento de direitos sexuais e a sexualidade como fator de construção de conhecimento. Há negligências das perspectivas da inclusão social e da cultura dos direitos humanos.

Apontamos que as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a homossexualidade feita pelos professores „(...) tiveram o efeito de aproximá-la das idéias de risco e ameaça, colocando em segundo plano sua associação ao prazer e à vida (LOURO, 2004, p.36).

Sendo assim, nos discursos dos professores observamos que o tema é abordado segundo regras que controlam e legitimam os discursos autorizados, como o biológico, o religioso, o médico, o patológico e o da violência assentado nas ações do preconceito, discriminação e homofobia. No entanto, há o silenciamento e/ou a invisibilidade de práticas que se pautem pelo reconhecimento das homossexualidades a partir de seus desejos, prazeres, modos de existência legítimos, sentimentos, e, principalmente na perspectiva dos direitos humanos, não se mostrando dispostas a favorecer um reconhecimento da homossexualidade que possa colocar em risco normas, valores e hierarquias estabelecidas pela heteronormatividade.

## REFERÊNCIAS

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, n.2, v.19, mai./ago.2011, Florianópolis, p. 549-559.

BRASIL. **Gênero e Diversidade Sexual na escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Cadernos da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC 4). Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

CASTRO, Roney Polato de.; MATTOS, Zaine Simas. Diversidade de Gênero e Sexualidade: argumentos para conversas nas escolas. In: RODRIGUES, Carlos

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Henrique.; GONÇALVES, Rafael Marques (Orgs.). **Educação e Diversidade: Questões e diálogos**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013, p. 65-79.

FERRARI, Anderson. “Esses alunos desumanos”: a construção das identidades homossexuais na escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.28, n.1, p. 87-111, jan./jul. 2003.

\_\_\_\_\_. A “bicha banheirão” e o homossexual militante: grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. In: 29ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED: CAXAMBU, **Anais...** 2006.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e Homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009, p. 366-444.

\_\_\_\_\_. Heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar: a pedagogia do armário. In: SILVA, F. F. da.; MELLO, E. M. B. (Orgs.). **Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguiana, RS: UNIPAMPA, 2011, p. 74-92.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 41-52.

NASCIMENTO, T. M.; SANTOS, S. P. Homossexualidade na Educação Básica: Representações, investigações e formação docente. In: III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 2013, Salvador/BA. **Anais...** Salvador, 2013. ISSN: 22389008, p. 1-12.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros, de.; DINIZ, Débora. Materiais Didáticos Escolares e Injustiça Epistêmica: sobre o marco heteronormativo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.39, n.1, p. 241-256, jan./mar, 2014.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

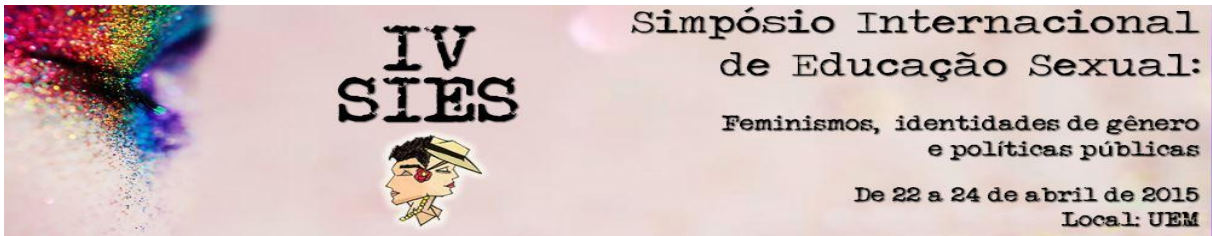


Patrocínio:



PlayBook





## (HOMO) SEXUALITY IN SPACE PUBLIC SCHOOL: LOOKS TEACHERS / AS OF SCIENCE AND BIOLOGY

### ABSTRACT

This article proposes a discussion of the investigation under a project Undergraduate Scholarships entitled Dialogues around homophobia in school: concepts, practices Teaching and training with nine teachers / the public schools of science and biology. In this text, we present and analyze the approaches and homosexuality senses utilizados no school setting. In the survey, qualitative, used interviews semiestruturadas. Os results show that the / the teachers standardized this homossexualidade como if it were a target without violence engendered and sexed body and sat on the subject of individual practice, through the rhetoric of bullying and legitimizing escolares despartadas actions of the political field, the rights and social norms that establish which lives are worthy of respect and existence pública. A trademark of homosexuality, it is still thought of as a given "natural", crystallized and essencializado no field of pathology, the disorders hormonal and genetic crossing the order of speeches of Medical and Biological Sciences, prostitution and abnormality resulting from the (un) family structure. We consider pertinente questionar power relations and differentiation processes that structure the school environment.

**Keywords:** Homosexuality; Education; Public School; Teaching.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:

